

*Representações da educação feminina em imagens: trabalhos manuais na Primeira República**

MARIA AUGUSTA MARTIARENA DE OLIVEIRA^{*1}

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

GIANA LANGE DO AMARAL^{*2}

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: A disciplina de trabalhos manuais integrou-se ao currículo escolar brasileiro a partir do período imperial (século XIX). No período republicano, essa disciplina permaneceu na grade curricular e passou a ter uma grande significação no que tange a educação feminina. Dessa forma, o objetivo deste estudo é perceber como se dava a relação entre a disciplina de trabalhos manuais e a educação feminina durante as primeiras décadas do século XX, no que tange à formação proporcionada às mulheres e as representações sociais desse grupo. Para tanto, utiliza-se como fontes de pesquisa fotografias que versam sobre exposições de trabalhos manuais e de pinturas.

Palavras-chave: Trabalhos manuais; Educação feminina; Fotografias.

Abstract: The discipline of manual works has been integrated to the curriculum of Brazilian school in the imperial period (nineteenth century). In the republican period, this discipline remained in the curriculum and its

* Recebido em 13 de fevereiro de 2015 e aprovado para publicação em 01 de abril de 2015. O presente artigo é parte da tese de doutorado intitulada “Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910-1930): imagens e imprensa”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

^{*1} Doutora em Educação – linha de pesquisa Filosofia e História da Educação, pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. Atualmente coordena a pesquisa “História das Instituições Educacionais e seus acervos escolares na cidade de Osório-RS”, que conta com recursos do IFRS e bolsas do CNPq. E-mail: martiarena.augusta@gmail.com.

^{*2} Professora do PPGE da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

significance was increased in the field of the female education. Thus, the purpose of this study is to realize how was the relationship between the discipline of manual works and female education during the first decades of the twentieth century, with regard to the training provided to women and the social representations of this group. Therefore, we used as research sources photographs about exhibition of manual works and paintings.

Keywords: Manual works; Female education; Photographs.

Introdução

É possível afirmar que a disciplina de trabalhos manuais constituiu-se como parte do currículo escolar brasileiro a partir do período imperial (século XIX). Contudo, no período republicano, embora essa disciplina tenha mantido o seu lugar no currículo, a sua relação com a educação feminina passou a ser mais significativa. Dessa forma, o presente artigo visa perceber como se dava a educação feminina na cidade de Pelotas, no que tange à disciplina de trabalhos manuais, por meio da análise de um grupo de fotografias divulgadas na imprensa e de textos publicados em periódicos.

Este estudo utiliza como fonte de pesquisa fotografias divulgadas na imprensa pelotense na década de 1920 e que versam sobre exposições de trabalhos manuais e de pinturas. Os periódicos que veicularam as imagens são o *Álbum do Centenário* e a *Revista Ilustração Pelotense*. Destaca-se que essas imagens retratam exposições promovidas tanto por instituições públicas como privadas. Das fotografias, algumas referem-se às exposições de trabalhos manuais realizadas no Colégio São José, escola particular, confessional e de educação feminina; enquanto outras dedicam-se às exposições de trabalhos produzidas pelas alunas dos colégios elementares estaduais e, por fim, algumas imagens referem-se às exposições de pintura das alunas de uma professora particular.

Destaca-se que a cidade de Pelotas, localizada no estado do Rio Grande do Sul, vivenciou um período economicamente favorável durante o

advento das charqueadas, durante o século XIX. Nesse momento, iniciou-se a profusão do ideário de requinte cultural relacionado ao município. No início do século, houve um declínio da importância econômica do charque, reavivado apenas durante a Primeira Guerra Mundial. Embora novos produtos econômicos tenham passado a ser o foco da produção econômica local, a economia vivenciou um forte declínio no decorrer do século passado. Entretanto, a elite local procurou manter o seu requinte e refinamento, utilizando-se de uma distinção cultural em relação às outras classes sociais pelotenses e em relação às camadas análogas de outras cidades do estado, a elite pelotense manteve o seu requinte e suas fortes instituições culturais e educacionais, procurando atualizar-se nas questões inseridas nesta esfera ao mesmo tempo em que respeitava às tradições e o seu passado. Esses eram elementos de distinção social, sendo assim:

A distinção da nobreza cultural é o pretexto para uma luta que, desde o século XVII até nossos dias, não deixou de opor, de maneira mais ou menos declarada, grupos separados em sua ideia sobre cultura, sobre a relação legítima com a cultura e com as obras de arte, portanto, sobre as condições de aquisição, cujo produto é precisamente estas disposições: a definição dominante do modo de apropriação legítima da cultura e da obra de arte favorece, inclusive no campo escolar, aqueles que, bem cedo, tiveram acesso à cultura legítima, em uma família culta, fora das disciplinas escolares; de fato, ela desvaloriza o saber e a interpretação erudita, marcada como “escolar”, até mesmo, “pedante”, através da experiência direta e do simples deleite (BOURDIEU, 2011, p. 9).

Nesse contexto de distinção, o papel do feminino também constituiu-se em importante elemento de diferenciação. Dessa forma, o estudo das exposições de trabalhos manuais configura-se em tema relevante para a compreensão das representações do feminino na história da educação em Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Para tanto, inicialmente será realizada um breve relato dos referenciais teóricos necessários para embasar a categoria representações no âmbito da Nova História Cultural. Em seguida, realizar-se-á uma discussão metodológica sobre a utilização da imprensa e da fotografia como fontes de pesquisa em História da Educação. Por fim, serão analisadas as fotografias de exposições de trabalhos manuais divulgadas na imprensa pelotense.

As representações e a Nova História Cultural

Tendo em vista notadamente a obra de Peter Burke, é possível afirmar que representação tornou-se a categoria central da história cultural, que atualmente pontua as suas preocupações com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras. A rigor a categoria representação foi incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX. Burke (2008) afirma que certa vez, Michel de Foucault criticou os historiadores pelo que chamou de sua “ideia empobrecida do real”, que não deixava lugar para o que é imaginado. Desde então, muitos importantes historiadores franceses reagiram a essa provocação. De acordo com esse autor muitas formas de representação, sejam elas literárias, visuais ou mentais foram estudadas nas três últimas décadas. Tal tema torna-se fundamental para esta pesquisa, pois se pretende abordar as imagens e os discursos difundidos na imprensa Pelotense, de forma a perceber as representações sociais contidas neles.

Tanto as imagens fotográficas, como os discursos presentes na imprensa constituem-se em objetos de análise, no que diz respeito à articulação entre práticas e discursos. Chartier (2006) menciona o *linguistic turn*, que se baseia em duas ideias essenciais: a linguagem é um sistema de signos cujas relações produzem a partir delas próprias significações múltiplas e instáveis, fora de qualquer intenção ou de qualquer controle subjetivos; a “realidade” não é uma referência objetiva, exterior ao discurso, mas é sempre

construída na e pela linguagem. Tal perspectiva considera que os interesses sociais nunca são uma realidade preexistente, mas são sempre o resultado de uma construção simbólica e linguística, e considera que toda prática, qualquer que ela seja, está situada na ordem do discurso.

A abordagem dada pela Nova História Cultural às representações coletivas foi definida, notadamente, à maneira da sociologia durkheimiana, pois essas incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social. São elas que suportam as diferentes modalidades de exibição de identidade social ou de força política, tal como os signos, os comportamentos e os ritos os dão a ver e a crer. Enfim, as representações coletivas e simbólicas encontram na existência de representantes, individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias da sua estabilidade e da sua continuidade.

Em termos gerais, Pesavento (2003) afirma que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Além disso, a autora relaciona as representações com o simbólico, tendo em vista que dizem mais do que aquilo que mostram ou anunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso de fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência no sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo. Logo, cada fotografia e cada palavra são portadores de um sentido intrínseco, que demonstra, senão a sua culpabilidade, a sua falta de inocência.

Cada fotografia é intencionalmente selecionada, cada palavra é milimetricamente pensada para integrar um texto portador de um objetivo específico. Todo texto possui um objetivo, visa atingir um determinado público. As palavras e as fotografias significam mais do que transparece à primeira vista. Palavras e fotografias são “signos”, que, de acordo com Chartier (2006), permitem que uma sociedade se constitua em representações

e exiba-se simbolicamente de modo discreto ou espetacular, desvelando seus ideais proclamados e seus recalques. A imprensa, por excelência, é um espaço de constituição de representações e de divulgação de ideias, com objetivos determinados. Sendo assim, faz-se necessário problematizar a sua utilização, bem como da fotografia como fontes passíveis de serem utilizadas em História da Educação.

Imprensa e fotografia como fontes de pesquisa em História da Educação

Como se mencionou anteriormente, as imagens utilizadas nesta pesquisa foram extraídas de determinados impressos que circularam na cidade de Pelotas durante as primeiras décadas do século XX. No entanto, deve-se ressaltar que os periódicos utilizados constituem-se em dois tipos de publicações distintas. O *Álbum do Centenário* foi criado com o intuito de comemorar os cem anos da independência do Brasil, enquanto a *Revista Ilustração Pelotense* possuía uma periodicidade. Faz-se necessário, ainda, destacar o público leitor de tais impressos, imprescindivelmente do último.

De acordo com Herzog (2008), a *Revista Ilustração Pelotense* foi publicada durante o período de 1919 a 1927 e se propunha a divulgar a sociedade de Pelotas e região para as demais localidades do estado. As suas páginas constavam de crônicas, fotografias e matérias que visavam engrandecer a produção intelectual e econômica de Pelotas e região, demonstrando como esses estavam inseridos nos preceitos de modernidade e progresso. Tais preceitos ao mesmo tempo em que eram elaborados eram seguidos e demonstrados, explicitando não só a boa forma do indivíduo (moda, tipos de beleza e saúde), como o seu comportamento: o que poderia e deveria ser feito, ou o que competia ser usufruído e apresentado e, sobretudo, os valores a serem adotados por homens e mulheres.

Esse impresso caracterizava-se por ser uma publicação do modo de vida moderno, ou seja, do modo de vida da elite. Entre as fotografias encontradas em suas páginas, há poucas representações de prédios, de

arquitetura. A *Ilustração* era uma revista que se dedicava a retratar, principalmente, as pessoas, o seu modo de vida, as suas práticas, ao contrário do *Almanach de Pelotas* que apresentava um discurso em imagens de propaganda da cidade, dos prédios, das instituições.

Deve-se deixar claro, então, que a *Revista Ilustração Pelotense* dedicava-se a atender um público determinado, da elite e da classe média. Suscita-se uma questão bastante relevante no que tange à educação pública e a educação privada em Pelotas, nas primeiras décadas do século XX: a inserção das classes mais elevadas nas escolas públicas da cidade. Na Primeira República, em Pelotas, as instituições de ensino primário foram categorizadas e hierarquizadas, especialmente a partir do “Regulamento da *Instrução*” de 1928. Tal hierarquização representava o papel social de cada escola na sociedade pelotense. Dentre as escolas públicas existiam, por exemplos, instituições que atendiam às classes populares e instituições que atendiam à elite econômica. Como exemplo das últimas, pode-se citar o “Gymnasio Pelotense” e o Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção.

A imprensa é uma fonte inestimável de pesquisa para os historiadores da educação, tendo em vista o seu papel de difusor, formador de informações, opiniões e ideologias. Era tamanha a importância da mídia impressa, que, no Brasil Colonial não se produzia palavra impressa. De acordo com Lustosa (2004), até 1808, data da chegada de d. João VI, as letras impressas eram proibidas no Brasil. Além disso, as poucas tentativas de estabelecimento de tipografias esbarraram na intransigência das autoridades portuguesas, as quais consideravam perigosa a existência de jornais.

Deve-se ter em conta, que houve certa relutância na utilização da imprensa como fonte histórica, embora a sua importância fosse reconhecida. Os fatores que explicam tal situação encontram-se na tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, na busca da verdade dos fatos, atingida por intermédio de documentos oficiais. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, já que se constituíam em “enciclopédias do cotidiano”, contendo registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. No entanto, segundo a autora: “O estatuto da

imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (LUCA, 2005, p. 118).

Com relação às fotografias publicadas na imprensa, deve-se ter em conta o que afirma Freund (2008, p. 96): “La introducción de la foto en la prensa es un fenómeno de capital importância. Cambia la visión de las masas”. Além disso, a autora continua: “La palabra escrita es abstracta, pero la imagen es el reflejo concreto del mundo donde cada uno vive”. Logo, deve-se ter em conta, que a inclusão da fotografia como ferramenta da imprensa no intuito de concretizar com a imagem o que fora dito em palavras foi uma grande transformação, a qual trouxe grandes consequências.

A veracidade já era uma palavra com a qual a imprensa encontrava-se relacionada. Contudo, a fotografia trouxe maior credibilidade aos órgãos de imprensa e às instituições governamentais. A referida confiabilidade, porém, encontrava-se pautada em objetos cuja função seria duvidosa. Assim como as palavras, as imagens tornaram-se manipuláveis:

Al mismo tiempo se convierte en un poderoso medio de propaganda y manipulación. El mundo en imágenes funciona de acuerdo con los intereses de quienes son los propietarios de la prensa: la industria, la finanza, los gobiernos (FREUND, 2008, p. 96).

Segundo Leite (1993, p. 72): para a história o que interessa na fotografia implica “o ângulo de quem observa, analisa e tenta compor fotografias já existentes. Não é uma prática para quem escolhe a imagem, nem para o fotógrafo”. O entendimento que o observador tem da imagem é o campo da análise do historiador. No entanto, deve-se ter em conta que, para analisar a significação da imagem, é importante reconhecer que essa se encontra permeada por uma série de construções e intencionalidades, especialmente no que tange a sua produção. Fotografias nascem de necessidades e de interesses. A sua produção está condicionada a seleções e escolhas. São grupos sociais ou pessoas determinadas que as requerem.

Os parágrafos acima demonstram o cuidado necessário para realizar a análise de documentos, sejam eles visuais ou escritos. O caráter de veracidade das fotografias não é menos perigoso que o das fontes escritas. A reafirmação de tais restrições ao abordar as imagens surgiu do fato de tal grupo apresentar um diferencial ainda maior do que os anteriormente analisados: são fotografias realizadas em âmbito escolar.

Imagens de trabalhos manuais: a educação feminina representada na imprensa

O *corpus* documental selecionado consta de oito fotografias cuja temática versa sobre exposições de trabalhos manuais e de pinturas. Deve-se ter em conta que o referido número se torna expressivo na medida em que faz parte de um grupo de trinta e quatro imagens. Os impressos que veicularam as imagens são o *Álbum do Centenário* e a *Revista Ilustração Pelotense*. Todas as imagens foram produzidas na década de 1920. Além disso, representam exposições promovidas tanto por instituições públicas como privadas. Das fotografias, duas se referem às exposições de trabalhos manuais realizadas no Colégio São José, escola particular, confessional e de educação feminina;¹ três são exposições de trabalhos produzidas pelas alunas dos colégios elementares estaduais e três se referem às exposições de pintura das alunas de uma professora particular.

Como foi acima mencionado, os trabalhos manuais integraram-se às disciplinas escolares especialmente a partir do período imperial, no entanto, com o advento do período republicano, tais práticas ganharam novos contornos, notadamente após a criação dos grupos escolares e a ampliação do papel da escola como instituição formadora. Pelo “Regulamento da *Instrução*” de 1928, os trabalhos manuais passaram a ser parte integrante do currículo das escolas urbanas. Para o então intendente, Augusto Simões Lopes, juntamente com o desenho, os trabalhos manuais eram: “disciplinas

¹ O Colégio São José foi fundado pelas Irmãs de São José, em 1910.

da mais relevante magnitude [que] vão influir, sobremaneira, na formação do espírito infantil, educando-lhe o senso artístico, disciplinando-o para os longos esforços pacientes” (RELATÓRIO Intendencial de 1927: 219). Além disso, o intendente reitera a sua importância por considerá-los “uma phase embryonaria da instrução profissional, por cuja disseminação tanto anseiam os povos modernos” (RELATÓRIO Intendencial de 1927: 219). As fotografias apresentadas referem-se aos trabalhos manuais realizados por estudantes exclusivamente do sexo feminino, não existindo, na época, nas escolas primárias da cidade, um equivalente dirigido ao público masculino.

Até a década de 1910, a educação em Pelotas constituía-se principalmente por instituições particulares, em especial, professores particulares que ofereciam seus serviços aos estudantes. No ano de 1913, foram inaugurados, em Pelotas, dois “collegios elementares” estaduais, o “Felix da Cunha” e o “Cassiano do Nascimento”. A incorporação dessas instituições ao âmbito educacional da cidade demonstra que, notadamente a partir da década de 1910, o ensino público teve um incremento.

Retomando-se a temática dos trabalhos manuais, deve-se ter em conta que as suas exposições eram um acontecimento relevante no cotidiano das instituições escolares. Com base no Regimento do ensino público do Estado, de 1927, todos os trabalhos manuais executados nos estabelecimentos de ensino, fossem de material fornecido pelo Estado ou não, deveriam ser vendidos durante a exposição de encerramento das aulas, em benefício das Caixas escolares. Essa prática constituía-se em um dos motivos para a divulgação das exposições. Somente os trabalhos que se diferenciavam seriam reservados para o museu escolar.

Como se pode perceber em matéria do jornal Opinião Pública, publicada na primeira página, sobre a visita ao Collegio Elementar Felix da Cunha, a referida disciplina ademais de constar no currículo escolar, era vista como um elemento importante na formação das crianças:

Desenho, trabalhos manuaes, musica... incontestavelmente é ahi que a creança se revela, já demonstrado o zelo, o temperamento minucioso, já a

vivacidade o organismo talhado aos grandes empreendimentos (OPINIÃO PÚBLICA, 31 de outubro de 1916).

Entre as décadas de 1910 e 1930, existe um número expressivo de matérias noticiando a realização de exposições de trabalhos manuais, como por exemplo a matéria do dia 12 de novembro de 1930, do jornal Opinião Pública:

Exposição de trabalhos – No Collegio Cassiano do Nascimento
Inaugura-se amanhã, no collegio elementar Cassiano do Nascimento, a exposição de trabalhos manuaes executados pelos alumnos do acreditado estabelecimento, certame que todos os anos obtem o mais franco êxito. A exposição se prolongará até o dia 15 e para assistir á mesma o corpo docente do Cassiano do Nascimento, de que é directora a exma sra. D. Orfilia Nascimento, convida as autoridades, gymnasios, escolas estaduaes, municipaes e particulares, bem como as exmas famílias e a população em geral.

Pode-se perceber que as exposições de trabalhos manuais eram uma constante no cotidiano não só das instituições escolares, mas de toda a sociedade. As exposições eram noticiadas em vários periódicos da cidade, como os jornais Diário Popular, Opinião Pública, Libertador e Rebate, os quais, como mencionado anteriormente, possuíam distintas vinculações político-ideológicas. Deve-se mencionar, ainda, que na década de 1910 as notícias não eram tão recorrentes como nas décadas que se seguiram. Nas décadas de 1920 e 1930 houve um incremento no número de notícias sobre exposições de trabalhos manuais. Além disso, as matérias normalmente referem-se aos colégios elementares estaduais, Cassiano do Nascimento e Félix da Cunha, e ao Colégio São José. O Collegio Elementar Félix da Cunha é o mais citado, seguido do Cassiano do Nascimento. As exposições realizadas pelo Colégio São José foram mencionadas em apenas dois jornais: Diário Popular e Opinião Pública.

Sobre o espaço dos trabalhos manuais na mídia faz-se mister ressaltar que, apesar de sua constante presença nos periódicos, normalmente as matérias apareciam entre a segunda e a quarta página. Foram poucas as oportunidades em que o referido tema ocupou a primeira página, como exemplo dessas, pode-se citar a matéria sobre as comemorações do Centenário, sobre as “Caixas Escolares” e sobre uma exposição de trabalhos manuais do Colégio São José.

Das notícias acima citadas, a primeira, cujo título é “O centenário nos collegios públicos” refere-se às comemorações ao centenário da independência do Brasil realizadas na cidade de Pelotas. Nessa matéria publicada no jornal Diário Popular, do dia 04 de julho de 1922, foi apresentado o cronograma que deveria ser realizado pelas escolas estaduais em todo o Rio Grande do Sul, no dia 07 de setembro daquele ano. Deve-se ter em conta, que as exposições de trabalhos manuais são parte integrante das comemorações, o que demonstra a sua importância na educação da época. No entanto, a sua presença na primeira página somente existiu em função de comemorações maiores e consideradas, no período, mais relevantes. Além disso, é necessário mencionar, uma vez mais, que o jornal Diário Popular era o órgão de imprensa oficial do Partido Republicano Rio-Grandense, logo, era natural que enaltescesse as escolas públicas estaduais.

A segunda notícia é uma das poucas que vincula exposições de manuais às escolas municipais. Além disso, deve-se dizer que o motivo da referida matéria estar localizada na primeira página do jornal Diário Popular do dia 02 de fevereiro de 1929, refere-se à instituição das caixas escolares nas escolas municipais de Pelotas. Os trabalhos manuais ganharam maior destaque nessas escolas a partir do governo de Augusto Simões Lopes, já citado anteriormente, especialmente a partir da criação dos Grupos Escolares Dr. Joaquim Assumpção e D. Antonia. No Relatório Intendencial de 1928, foi publicada uma fotografia de “uma aula de trabalhos manuais”, a primeira fotografia desse tema a ser publicada em um relatório do governo municipal de Pelotas. É possível afirmar que determinadas práticas tiveram um desenvolvimento tardio nas escolas municipais em relação às escolas

estaduais, como a disciplina de trabalhos manuais e as instituições de assistência estudantil.

A terceira notícia é a única em que uma exposição de trabalhos manuais fez-se presente na primeira página. No entanto, a matéria intitulada “Collegio São José – Exposição de trabalhos” e publicada no jornal *Opinião Pública*, de 06 de dezembro de 1930 teve seu lugar garantido, possivelmente, mediante o pagamento por tal espaço no periódico. Alguns elementos mostram-se significativos no embasamento dessa afirmação: a instituição era particular e a matéria era bastante reduzida com relação à notícia publicada sobre a mesma exposição no noticiário do dia 10 de dezembro de 1930, a qual estava na página 4 e ocupou quase duas colunas.

A figura 1, cuja legenda é “os bellos e finos trabalhos de agulhas das alumnas do Collegio São José”, retrata uma série de trabalhos de bordados realizados pelas estudantes do Colégio São José, uma escola feminina. Percebe-se que a fotografia segue os padrões simétricos estabelecidos desde o período renascentista. Embora em primeiro plano se encontrem os trabalhos produzidos pelas estudantes, dispostos em forma de cascata, ou melhor, em degraus, na parte superior, destacam-se três quadros: duas paisagens e o retrato do “Sagrado Coração de Jesus”. O último está situado entre aqueles, o que deixa transparecer a vinculação religiosa da instituição. A posição central do quadro é um indício da sua centralidade na vida cotidiana da escola. Além disso, deve-se perceber a relevância da presença desse elemento na imagem, pois a referida fotografia foi parte integrante do *Álbum do Centenário*, de 1922. Esse impresso foi editado por Clodomiro Carricone e produzido em comemoração ao centenário da independência do Brasil. Logo, um elemento religioso foi introduzido em uma publicação de motivação eminentemente política. Deve-se, ainda, mencionar, as disputas existentes entre a educação laica e a educação católica em Pelotas nas primeiras décadas da Primeira República.

Figura 1 - “Os bellos e finos trabalhos de agulhas das alumnas do Collegio São José”



Fonte: *Álbum do Centenário* de 1922.

Em oposição à manifestação religiosa presente na imagem acima citada, a figura 2, com legenda “Exposição dos trabalhos manuaes do Collegio Felix da Cunha” apresenta vários elementos de cunho nacionalista. Essa fotografia foi publicada na *Revista Ilustração Pelotense*, em abril de 1921. Em primeiro planos, encontram-se dispostas sobre uma superfície várias almofadas bordadas. O elemento que se destaque, no entanto, não são os trabalhos realizados pelas estudantes, mas uma bandeira do Brasil, na qual se lê “ordem e progresso, cujas pontas foram ornamentadas de forma a assemelhar-se a uma estrela. Além dessa bandeira, outra ocupa a parte superior da fotografia. Em ambos os lados da mesa em que se encontram expostos os trabalhos, uma série de colunatas produzidas provavelmente pelas alunas, sustentam outras bandeiras, as quais demarcam o caminho que leva à bandeira maior, à bandeira da nação, um dos símbolos máximos do civismo e do nacionalismo republicano. Abaixo da bandeira, um vaso de flores, como se fosse um culto à nação e aos seus preceitos laicos.

Figura 2 - Exposição dos trabalhos manuaes do Collegio “Felix da Cunha”



Fonte: *Revista Ilustração Pelotense*, abril de 1921

As exposições de trabalhos manuais e de pinturas eram elementos integrantes da educação feminina promovida nas primeiras décadas do século XX. A análise de uma classe social requer o reconhecimento do espaço feminino nesse grupo. Dessa forma:

As propriedades de gênero são tão indissociáveis das propriedades de classe quanto o amarelo do limão é inseparável de sua acidez: uma classe define-se no que ela tem de mais essencial pelo lugar e valor que atribui aos dois sexos e as suas disposições socialmente constituídas. Eis o que faz com que, por um lado, o número de maneiras de realizar a feminilidade corresponda ao número de classes e de frações de classe; e, por outro, no seio das diferentes classes sociais, a divisão do trabalho entre os sexos assumam formas completamente diferentes, tanto na prática como nas representações [...] (BOURDIEU, 2011, p. 102).

Ao se analisar as exposições de trabalhos manuais, especialmente pelo fato de uma das escolas destinar-se às meninas das classes privilegiadas da sociedade, percebe-se que a forte ligação da mulher com o ambiente doméstico. Nesse período, as mulheres eram educadas para as atividades

relacionadas ao lar. Existia, portanto, uma expectativa para a formação feminina. De acordo com Almeida (2004):

O casamento e a maternidade eram a sua salvação; honesta era a esposa mãe de família; desonrada era a mulher transgressora que desse livre curso à sexualidade ou tivesse comportamentos em desacordo com a moral cristã. Para a missão materna as meninas deveriam ser preparadas desde a tenra idade, fosse nos colégios católicos, nas escolas protestantes, nos estabelecimentos de ensino não confessionais ou nas instituições públicas (ALMEIDA, 2004, p. 67-68).

De acordo com essa autora, mesmo com as conquistas efetivadas durante as primeiras décadas do século XX, como o acesso das mulheres ao ensino superior e a algumas profissões, os ideais oriundos da colônia e do Império mantiveram-se impregnando a mentalidade brasileira e forjando uma figura feminina plasmada nesse perfil. Dessa forma, as responsabilidades femininas nunca deveriam transpor as fronteiras do lar.

Em concordância com as afirmações de Almeida (2004), é possível dizer que a disciplina de trabalhos manuais constituía-se em uma preparação da menina para o lar e para o casamento. Embora algumas vezes os jornais mencionem a palavra “alumnos” como os produtores das peças, geralmente utiliza-se a expressão “alumnas”, o que deixa transparecer que pouco foi desenvolvido com relação aos trabalhos manuais para os meninos. Além disso, as escolas que promoviam exposições de trabalhos manuais ou eram mistas ou se dedicavam exclusivamente à educação feminina, como o Colégio São José. Os trabalhos manuais expostos eram, ainda, eminentemente relacionados ao ambiente doméstico, ao lar. A utilização do termo “trabalhos manuais” ligado ao gênero masculino foi recorrente apenas depois da criação do Liceu de Artes e Ofícios e, nesse caso, estão relacionadas a outra atribuição: a formação profissional.

Figura 3 - Uma exposição de diversos trabalhos das alumnas do Collegio Cassiano do Nascimento



Fonte: *Revista Ilustração Pelotense*, agosto de 1920.

Figura 4 - Um aspecto da exposição dos trabalhos do Collegio Elementar Felix da Cunha



Fonte: *Revista Ilustração Pelotense*, fevereiro de 1921.

Retomando-se a vinculação dos trabalhos manuais à função da escola de formação das meninas para o casamento, deve-se dizer que as peças expostas eram constituídas por guardanapos, toalhas de mesa, almofadas e outros elementos da casa, trabalhados e bordados (figura 4). Além disso, as instituições escolares também realizavam exposições de trabalhos de pinturas. Existiam, ainda, peças de corte e costura, como uma camisa feminina e várias outras peças do guarda-roupa feminino apresentadas na figura 3. As peças, especialmente na figura 4, apresentam elementos relacionados ao universo feminino, como flores. Pode-se perceber que os

trabalhos manuais constituíam uma disciplina ampla que, contudo, visava à formação da futura esposa:

E os bordados e a collecção delles, variada, numerosa, rica, toda denunciando a intrincada manufactura domestica, sempre exuberante, caprichosa, intraduzível nesses artefactos?

São admiráveis e dignos de applausos os exemplares de bordados a seda, a linha, pinturas de agulha, etc., etc., que ali se acham expostos em trilhos, almofadões, pastas de escriptorio, porta-relogios e outros objectos.

Completam o mostruário dos trabalhos manuaes do “Felix da Cunha” esplendidos quadros de pintura Metallica, devidos á laboriosidade da zelosa professora d. Othylia Lopes (DIÁRIO POPULAR, 16 de dezembro de 1914).

Nas palavras acima, deixa-se desvelar o caráter doméstico atribuído às atividades femininas. A expressão “manufatura doméstica” representa o tipo de educação a qual as meninas deveriam se dedicar e o futuro que estava reservado para elas. Além disso, a matéria apresenta uma série de atividades que permaneceriam ligadas à figura feminina ao longo do século XX, como os bordados e os trabalhos de costura.

A domesticidade das atividades femininas está relacionada ao ideário apresentado por Perrot (1988), segundo o qual no espaço público, homens e mulheres situavam-se nas duas extremidades da escala de valores. Para a autora, investido de uma função oficial, o homem público desempenha um papel importante e reconhecido, ou seja, encontrava-se integrado com as atividades relacionadas ao poder político. A mulher pública, entretanto, constitui a vergonha, a parte escondida e dissimulada, constitui-se em um vil objeto. Dessa forma, o lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático. Ainda segundo Perrot (1988), para os homens cabia o público e o político, enquanto para as mulheres, o privado e seu coração, a casa.

Nesse sentido, a jovem culta, cujo espaço de atuação deveria estar restrito ao lar, também deveria dedicar-se à pintura,² uma atividade que demonstraria o seu refinamento. Em concordância com esse ideário, aulas de pintura eram oferecidas por professores particulares, a exemplo disso, a professora Noêmia de Aguiar, cujas exposições foram retratadas e publicadas na *Revista Ilustração Pelotense* de 1926. O fato de tais imagens terem a sua vinculação na referida publicação demonstra a relevância social do ensino da pintura para as moças da sociedade pelotense. A valorização dessa habilidade feminina como característica de distinção social entre as mulheres pertencentes às classes privilegiadas pode ser percebida, ainda, pelo fato de a figura 5 ter sido publicada no *Álbum do Centenário* de 1922.

Figura 5 - Ricos trabalhos de pintura das alumnas do Collegio São José



Fonte: *Álbum do Centenário* de 1922.

Segundo Herzog (2008), o período no qual a Revista foi publicada apresenta algumas características marcantes que conforma uma espécie de “espírito da época”. Esse espírito da época do início do século XX traz os traços de uma estrutura social influenciada pela ideia de modernidade, de progresso e de moralização da sociedade. Tais preceitos estavam impregnados naquele contexto e foram incorporados através da interpretação

² Existe uma série de atividades relacionadas às jovens cultas, como a pintura, o estudo do idioma francês e a prática do piano.

de pensamentos positivistas. Independente da corrente política, o que se nota através da revista é que seus editores pareciam estar em sintonia com esse espírito, que tinha como propósito incorporar a modernidade e torná-la possível.

No entanto, embora a revista buscasse apresentar referenciais de modernidade, estes normalmente não se encontravam em consonância com o que realmente era vivenciado. Nesse sentido, pode-se utilizar como exemplo as figuras 6, 7 e 8, nas quais se percebe que o tipo de pintura ensinado às alunas encontrava-se no âmbito do academicismo, o que se constituiu em modernidade no século XIX, sendo ultrapassado nas primeiras décadas do século XX por uma série de movimentos culturais que a Europa e os Estados Unidos vivenciavam, como o cubismo, o dadaísmo e o surrealismo.

Figura 6 - “Exposição de Pintura das alunas da senhorinha Noemia de Aguiar”



Fonte: *Revista Ilustração Pelotense*, n. 3, 1926.

As imagens permitem perceber que os temas das pinturas versavam sobre natureza morta e retratos. Conta-se, ainda, com pinturas de motivos religiosos, como o Sagrado Coração de Jesus (figura 8). Além dos quadros, percebe-se que as classes de pintura incluíam, também, pintura em tecidos e vasos (figura 7), ressaltando as habilidades domésticas a serem desenvolvidas pelas jovens.

Figura 7 - “Exposição de Pintura das alumnas da senhorinha Noemia de Aguiar”



Fonte: *Revista Ilustração Pelotense*, n. 3, 1926.

Figura 8 - “Exposição de Pintura das alumnas da senhorinha Noemia de Aguiar”



Fonte: *Revista Ilustração Pelotense*, n. 3, 1926.

A relevância social das referidas exposições, tanto de pinturas como de trabalhos manuais, é corroborada pelo fato de ocorrerem em espaços externos ao ambiente escolar. Os clubes sociais tornavam-se o recinto ideal para a divulgação dos trabalhos realizados nas instituições educativas ou com as professoras particulares, como a “senhorinha” Noêmia de Aguiar: “Em uma das salão (*sic*) do Club Caixeiral, getilmente cedido, será inaugurada, amanhã, a exposição dos trabalhos manuaes das alumnas do Collegio Elemenar Felix da Cunha [...]” (O LIBERTADOR, 9 de março de 1931).

Não se pode deixar de evidenciar um elemento que não perpassa a imagem, mas a sua legenda. As figuras 6, 7 e 8 referem-se às exposições de

pintura das alunas da professora Noêmia de Aguiar, cujo chamamento acima mencionado é “senhorinha” o que indica que tal professora era solteira na época. Essa legenda é mais um demonstrativo da profissionalização feminina e da feminização do magistério nas primeiras décadas do século XX.

Deve-se ter em conta que as suas exposições eram um acontecimento relevante no cotidiano das instituições escolares. Com base no Regimento do ensino público do Estado, de 1927, todos os trabalhos manuais executados nos estabelecimentos de ensino, fossem de material fornecido pelo Estado ou não, deveriam ser vendidos durante a exposição de encerramento das aulas, em benefício das Caixas Escolares. Essa prática constituía-se em um dos motivos para a divulgação das exposições. Somente os trabalhos que se diferenciavam seriam reservados para o museu escolar. Ressalta-se, também, que além de um ideário geral sobre a feminilidade e o ser feminino, havia, ainda, a expectativa que cada grupo social depositava nas pessoas do sexo feminino. Existem diferenças entre ser uma mulher da classe privilegiada e ser uma mulher de classe baixa e essas afirmam o campo simbólico das distinções sociais, ressaltando o grupo de *status* em que a elite pelotense se configurava.

Considerações finais

A disciplina de trabalhos manuais presente tanto no currículo das escolas públicas como na das escolas confessionais, e relacionada na cidade de Pelotas quase que exclusivamente à educação feminina, ganhou destaque na mídia pelotense por meio de suas exposições. Como foi anteriormente mencionado, as matérias sobre as exposições de trabalhos manuais realizadas pelas escolas, tanto públicas como privadas, era uma constante nos jornais. No entanto, o espaço que tal tema possuía na imprensa é uma representação do caráter secundária da educação feminina: raramente alguma matéria encontrava-se na primeira página.

A análise das fotografias de exposições de trabalhos manuais e de pintura representam, ainda, o caráter de formação da mulher para o lar ou a

formação da jovem culta para a sociedade. Nesse sentido, os trabalhos manuais não se inseriam no currículo escolar exclusivamente como uma oportunidade de profissionalização, embora algumas jovens possam tê-lo utilizado para isso, mas como uma formação que objetivava a preparação da esposa, que atuaria em âmbito doméstico.

Destaca-se, ainda, que o que era previsto para as mulheres da elite não era o mesmo que era destinado às mulheres das camadas populares. Essa diferenciação pode ser percebida no tipo de ensino que era determinado para cada grupo. Além das propostas educacionais, existiam diferentes finalidades. Pode-se citar, como exemplo, a disciplina de trabalhos manuais, a qual era ofertada tanto para as jovens das camadas populares como para as da elite, entretanto, a finalidade para cada grupo era diferenciada. As órfãs utilizaram os conhecimentos adquiridos de forma a atender o lar e o trabalho como cozinheiras, engomadeiras, costureiras; às meninas da elite, ainda que o âmbito do lar e do privado fosse o objetivo, essas jovens teriam de representar a sua classe na sociedade, por isso solicitava-lhes cultura e refinamento.

Ressalta-se, ainda, que mesmo com o seu caráter de formação doméstica, a disciplina de trabalhos manuais também foi utilizada para a divulgação de ideologias. Como exemplo, pode-se citar a ideologia republicana, representada na presença da bandeira e a ideologia católica, representada pela figura do Sagrado Coração de Jesus e outras imagens religiosas. Deve-se ter em conta, que no período analisado, o governo republicano e positivista previa a criação de uma escola pública laica, enquanto a Igreja Católica buscava manter o seu espaço na sociedade e na esfera educacional.

Sendo assim, pode-se afirmar que a análise de documentos sobre as disciplinas curriculares, não apenas a disciplina de trabalhos manuais serve para a compreensão do contexto histórico da Primeira República brasileira e do ideário político do período. Além disso, o currículo escolar é um demonstrativo de como se dava a educação feminina e qual era o papel designado para a mulher na sociedade.

Referências

- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Demerval. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SO: Autores Associados, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. A “Nova” História Cultural existe? In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 29-43.
- FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2008.
- HERZOG, Vivian. Objetos biográficos: Um estudo sobre a fotografia na *Revista Ilustração Pelotense*. In: MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira (Orgs.). *Fotografia e Memória: ensaios*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2008, p. 89-108.
- LEITE, Mirian Moreira. *Retratos de Família*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.